

TRIBUNA LIVA

À Biblioteca Pública de Braga

22
JUNHO
1974

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR: João Barbosa de Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

ESCOLHIDOS PELO POVO

Fazem-se pressões sobre o titular da Administração Interna para que nomeie as comissões escolhidas pelo povo. Argumenta-se que é preciso dismantlar a máquina fascista e que os indicados merecem o apoio geral.

Se as coisas se medem lá por fora pela nossa bitola — e até parece que sim — nem pretendem dismantlar a máquina fascista nem representam coisa alguma, a não ser o pequeno sector dos provocadores, dos anárquicos, dos atrevidos e... dos autênticos fascistas.

O que vemos aqui é que os actos de *liberdade* que quiseram promover afastaram os verdadeiros democratas na qualidade e no sentimento e fizeram surgir pessoas sem idoneidade para o governo do Concelho desde que as tomemos nos diferentes ângulos em que se tem de imaginar o problema a nível intelectual, experiência de gestão, sociabilidade, vivência no concelho, vida familiar de exemplo digno, passado coerente, actividades compatíveis e sólida conduta religiosa.

De entre esses democratas de *aviário* até se encontram o que prezávamos a fina flor do fascismo, desde que, por fascismos se entenda aquele que no regime anterior ganhou sem nada fazer, mandou, provocou, difamou, etc.

Para encobrirem a sofreguidão de ser proclamam que é preciso dismantlar a máquina fascista tirando do lugar os que merecem esse nome.

Que mentira! Que descaramento.

Pois o que eles querem, o que eles defendem, para o que eles lutam é para que aqueles que desempenharam os principais cargos políticos continuem a usufruir os pródigos vencimentos sem nada fazer. Pois o que eles querem é que os que nada fazem, tudo ganham, acumulam lugares e usufruem cargos do Estado para as coisas particulares, continuem nos seus lugares, por serem os compadres da conveniência e do interesse, etc., etc.

O que eles pretendem é a vingança pessoal, a destituição dos que não desempenham lugares remunerados, que tanto fizeram pelo povo,

que amam o povo e querem o seu bem, que não têm cargos político-administrativos e que quando os tiveram foi para a tolerância, a realização e para o sacrifício.

O que eles querem é ser e se o forem é tão somente para manterem a situação dos que efectivamente constituem a máquina do despotismo anterior.

Ninguém no concelho lhes deu representação e ninguém acredita o contrário disto, como iremos ver adiante pois não contamos que se acabe a tinta.

Bem intencionado andou, certamente, o sr. Capitão, mas não conhece a geografia humana do concelho.

Bem esclarecido se mostrou quando nos disse que chegou a hora de afastar os preguiçosos e os desonestos.

Mas... vai fazê-lo com a matéria escolhida?

Para já só lhe diremos que esse pequeno grupo fez afastar a quase totalidade dos democratas efectivamente representativos e bons, mas não desagradou nem desagradará aos tais que tudo foram, tudo ganham e nada fazem.

Depois da desilusão falaremos do resto.

Arnaldo da Silva Tomé

Depois de um longo período ausente em Angola, em visita à sua família, regressou até nós e aos seus o sr. Arnaldo da Silva Tomé, tesoureiro da Fazenda Pública aposentado.

Esteve na nossa Redacção a apresentar cumprimentos, e que muito nos sensibilizou e agradou a maneira simples e afável como o sr. Tomé expôs as suas ideias e os factos que viveu.

Agradou-nos, também, vê-lo mais rejuvenescido e agradecemos-lhe a visita com o desejo de que continue a gozar da melhor saúde junto de seus familiares e amigos.

Que é feito do respeito à religião católica?

* * *

O caso da Televisão

Como é sabido deu-se um acidente na nossa Televisão quando o delegado da Junta de Salvação Nacional mandou cortar a projecção de um programa em que não era tido o respeito necessário por uma figura saliente da Igreja Católica.

Tentou-se fazer crer que as opiniões se dividiram quanto à aprovação do corte com sensível igualdade de número e qualidade para cada lado. Se mediram as coisas pelo barulho, ainda vá, se foi pelo número e qualidade enganaram-se. A Nação não quer disparates daqueles e condena-os veementemente.

* * *

Também entre nós se renega

Durante as Festas do Concelho, agora acabadas de festejar, e no fim da exibição de um rancho, saltou para o palco um pequeno grupo que tinha a apoia-lo uma meia dúzia de pessoas. Perante a surpresa do público o grupo começou a cantar algo em que se menosprezava a religião e se ridicularizava a sua prática. O público apercebeu-se da ousadia e exigiu que os musicófonos abandonassem o palco e se calassem.

E querem ser estes os responsáveis pela vida pública concelhia.

* * *

Que significa representatividade!

Somos, indubitavelmente, um concelho católico, de fé arreigada e respeito às tradições religiosas que nos ensinaram.

O novos renegadores só servem para confirmar a regra.

Vejam, todavia, que se lembraram de dar à Câmara uma Administração de individualidades agnósticas no campo religioso.

Até por aqui se vê que representatividade podem ter tais pessoas para se legitimarem a esses lugares.

É certo que por vezes até mandam os alheios, os contrários a tudo e todos, mas dizer que foram escolhidos, responsabilizar o concelho por essas anomalias, não. Decididamente, não.

DIVÓRCIO

Assistimos há dias a uma entrevista, conduzida na TV, por um dos mais lúdimos repórteres-rádio que temos no nosso País com dois altos representantes do pensamento português — um advogado e um engenheiro. Nomes não interessam. Interessa sim o conteúdo da entrevista, que versava a crise do Divórcio.

Naturalmente que o ilustre causidico pôs o dedo na ferida principal sobre o assunto: a perfilhação; o caso dos filhos ilegítimos; o divórcio, em ultimo lugar. E fez bem, no nosso entender.

Por outro lado, o fogoso engenheiro que vem denodadamente a ser o mentor e o iniciador de uma campanha, a todos os títulos louvável, para conseguir que o artigo que na Concordata se refere à intransigente proibição do divórcio, seja abolido apresentou igualmente argumentos válidos para essa abolição.

Até certo ponto, a coisa está bem posta. Há, porém, uma divergência da nossa parte (e não só nós, mas muitos mais) sobre o momentoso assunto. Por exemplo. Um dos entrevistados referiu-se à índole católica do nosso povo, especialmente nas mulheres que não se querem sujeitar a casar civilmente. E nessa atenção feminina cabe toda a gama da sensibilidade masculina a tal respeito, especialmente de quem é católico. Continuamos em desacordo. Se a mulher, pelo seu catolicismo nato pretende casar pela Igreja, a maioria não o faz por isso. Falo pelo fausto que isso implica. E o falecido Estado Novo bem o sabia e todos nós sabemos. Nas repartições do Registo Civil não existe a recepção imponente de uma igreja. Transformemos tais repartições num salão nobre, com flores, enquadrada sob o signo da beleza emocional que comporta uma igreja, e pode garantir-se não interessar à noiva casar civil ou catolicamente. O que é preciso é o enquadramento do fausto!

De resto, tanto a noiva como o noivo têm de jurar perante Cristo — ou a sua imagem — que jamais se traiem, que serão fidelíssimos na sua honorabilidade perpétua em face do matrimónio. E o que se vê? Em minoria, é certo,

mas bastante traição a este juramento. E que importou ao noivo ou à noiva ter jurado cristãmente toda a sua fidelidade mútua? De nadal Aonde estava, pois, a sua religião católica ao casarem?

Exactamente por isso é que nós, os que escrevemos, nos modelamos em face do que nos aconteceu. Casamos em 1934 e, sendo cristãos, como somos, mentalizamos a noiva, ainda hoje minha mulher, para que não fossemos trair o nosso mutuo juramento, perante Cristo casando-nos apenas pelo Registo Civil. E tínhamos naquela, como nesta altura, toda a possibilidade de se o casamento falhasse, divorciarmo-nos. Mas havia, acima de tudo isso, o dever indeclinável de não traírmos o juramento a fazer perante Cristo.

Isto, parece-me, que é ser cristão. Os outros, são cristãos a seu modo. O juramento é caso secundário. O que é preciso é estar precavido acerca do futuro, na incerteza de se poder ou não construir a felicidade. E essa não se constroi com matrimónios católicos ou civis. Constroi-se com a amalgama de sentimentos que é preciso harmonizar continuamente na Vida.

Por isso nós somos dos que preconizamos o "statu quo" da Concordata. Vê-se neste caso a coragem, a qualidade e quilate dos católicos.

Quanto aos filhos ilegítimos, concordamos plenamente. É preciso reformar a legislação.

MILITÃO PORTO

5.ª COLUNA

Na nossa conversa do dia 1 do corrente eu dizia ao meu Leitor e no seu final: "Se tenho mais algum Leitor, além do que se me subscreveu, peço-lhe desculpa do arrazoado desta semana. Mas fui obrigado a responder".

Pois esta semana estou na mesma. Sou obrigado a responder ao Senhor Tenente A. Coelho, acerca doutra conversa que tivemos em 25 de Maio.

Continua na 4.ª página

IMPORTANTE PREVENIR da podridão cinzenta

APLICAR CORRECTAMENTE

BENLATE*

- 1º. TRATAMENTO
Antes da Floração
- 2º. TRATAMENTO
Antes do Fechamento
dos Cachos
- 3º. TRATAMENTO
No Início do 'Pintor'

NOTAS: Com tempo muito húmido ou em caso de ataques muito fortes, intercalar outros tratamentos que se podem prolongar até 2 semanas antes da colheita (não amua os mostos). O desavinho pode ser uma das consequências dum ataque precoce de botrytis.

DISTRIBUIDOR

AGROP

DU PONT

* Marca Regist. E. I. du Pont de Nemours & Co. (inc.)

Plano AGP-374

Amigos de Santo António Festas do Concelho

Acácio Dias de Magalhães — Canadá	500\$00
José Lúcio Dias Martins — Brasil	1000\$00
Família António Luíz da Cunha — França	350\$00
Empregados Restaurante «Os Arcos» Paço d'Arcos	1300\$00
Artur Cruz, Mário Machado e Alberto Cruz EUA	1250\$00
Freguesias: Prozelo	950\$00
Rendufe	1600\$00
Goães	300\$00
Carrazedo	1780\$00
Caires	2030\$00
Barreiros	1610\$00
Besteiros	780\$00
António Pereira da Silva — América	500\$00

«A RIVAL» — CASA DE PASTO
DE

ERNESTO VIEIRA

Telefone 62247

Especialidade em:

Frango assado — papas de sarrabulho e cabrito assado

(Rancho às segundas-feiras)

Todos os dias refeições económicas

Esmerado serviço em:

Casamentos e baptizados, servidos c/ os melhores vinhos da Região.

Para bem servir, só «A RIVAL»

Rua Marques Rego

F. Nova — Amares

AS DUAS ORFÃS

(Continuado do número anterior)

Tinha perdido tudo: a consideração, a virtude, o emprego, o amor do noivo, a estima de toda a gente, e a irmã querida, que não tornara a ver.

Um aglomerado de circunstâncias, desde a suspeita de um coração ciumento, até à cobardia de uma testemunha, passando pelo horror de um crime; desde uma cruel perseguição até à fatalidade de uma morte, tudo se juntara para perder a pobre rapariga, atirando-lhe o nome à lama.

Por isso se sentia desolada.

Quando se é culpado, existe a razão da culpa, e é de todo o ponto justo que se sofram as consequências iminentes dessa mesma culpabilidade.

Mas, quando se é inocente, e a pessoa se vê envolvida numa teia infernal de acusações e pretende abrir caminho para defender a sua verdade, e esse caminho se antolha cheio de obstáculos insuperáveis, intransponíveis, e a alma acaba por sentir-se abatida, as esperanças volatizam-se, a confiança desaparece e a desolação vence-nos.

Como defender-se uma pessoa contra todos?

Por mais coragem que se tenha, a luta é titânica e não conduz ao triunfo.

Dolores era boa, honesta, inocente. E, não obstante, ninguém acreditava na sua inocência, na sua honestidade, na sua bondade.

Na opinião geral, era uma mulher perdida, que atraíra um homem, que dera origem à morte de outro homem e que ainda tinha o cínico desplante de apresentar-se como inocente!

Eis a conclusão.

* * *

la pela rua fora como uma sonâmbula.

Não dava conta do que se passava à sua volta. Alguns homens, ao repararem na sua formosura, dirijiam-lhe galanteios, que ela nem sequer ouvia. Ela só entendia que tinha perdido tudo, incluindo o seu ganhapão.

A cerração do céu, naquele dia de inverno rigoroso, não era tão grande como a cerração da alma.

E o seu futuro ainda mais cerrado se lhe apresentava.

Que fazer agora?...

Buscava uma solução e não a encontrava. Procurava uma saída, e não a achava. Desejava redimir-se, e não sabia como.

E neste estado de alma chegou a casa, e abandonando-se à crueldade do seu destino, atirou-se sobre o seu leito de rapariga solteira, aquele leito que sabia dos seus castos amores, dos seus ternos pensamentos de rapariga honesta, e desatou a chorar, aflitivamente.

De repente, presa de uma grande excitação nervosa, Dolores levantou-se, correu como louca todos os compartimentos da sua casa, e chamou:

—Carmencita!... Carmencita!...

Era um grito desesperado. O grito mortal de quem agoniza no deserto e pede socorro, mesmo sabendo que ninguém o ouvirá.

Chamava Carmencita, porque lhe fazia falta o coração amigo e bondoso da irmã querida, porque precisava da companhia e do amor dessa irmãzinha sem mácula, que decerto não a julgaria culpada, e queria chorar sobre o seu peito.

Chamava-a, consciente de que ela não viria, de que ela não estava em casa. Chamava-a, como quem invoca, num momento de perigo grave, o nome sacrosante de uma mãe morta.

E, à sua chamada angustiada, respondeu-lhe um supulcral silêncio.

«—Onde estás tu, irmã querida?!... Que perigo estarás correndo neste momento? Ah!... Se ao menos te tivesse aqui... A teu lado sentir-me-ia mais forte!... Longe de ti, falta-me de toda a coragem!

E tornava a chamar:

—Carmencita!... Carmencita!...

Depois, pensou na falecida mãe.

Toda a vida tinha trezido, pendente sobre o colo, como um

(Continua no próximo número)

TRIBUNA do CONCELHO

À MULTIDÃO

Quero gritar

Para que a minha voz

Seja um brado na multidão!

Dizer-vos

Que as minhas lágrimas porão a nú todo o ódio!

Transparecerá, assim,

Toda a luz que vós me deste!

MENA FARIA

1.ª Publicação 22 / 6 / 1974

2.ª Publicação 22/6/1974

Tribunal Judicial da Comarca

DE

AMARES

ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta Comarca, na acção especial de indemnização, nos termos do Código da Estrada, pendente na Secção de Processos deste Tribunal, movida pelo autor Manuel José Barbosa Soares da Silva, casado, empregado de escritório, residente na Rua Sá de Miranda, 45, da cidade de Braga, contra Belmiro da Cunha Esteves, casado, motorista, do lugar da Canela, freguesia de Sequeiros, desta comarca de Amares, e outros, são citados os sucessores incertos do falecido lesado Mário Nunes Gonçalves, que residia, à data do acidente de que tratam os autos, na Avenida João XXI, n.º 822-4.º andar, esquerdo, daquela cidade de Braga, para no prazo de DEZ DIAS, depois de decorrida a dilação de trinta dias que começa a contar-se da data da segunda e última publicação deste anúncio, virem à referida acção, na qual foi referida pelo autor a sua intervenção como parte principal, apresentar o seu articulado ou declararem que fazem seus os articulados da parte a que devem associar-se.

Amares 29 de Maio de 1974

O Juíz de Direito,

António José Ribeiro da Cunha

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

Tribunal Judicial da Comarca

DE

AMARES

ANÚNCIO

Pela Secção de Processos do Tribunal Judicial desta comarca, correm éditos de VINTE DIAS, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada D. LEOPOLDINA ERNESTA DA COSTA FERNANDES, viuva, proprietária, residente na Quinta da Bornaria, freguesia de Ferreiros, desta comarca de Amares, para no prazo de DEZ DIAS, posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhoradas sobre que tenham garantia real, na execução movida por D. ROSA DA CONCEIÇÃO MARQUES RIBEIRO, casada, comerciante, residente na Rua D. António Meireles, da cidade do Porto,

Amares, 8 de Junho de 1974

O Juíz de Direito,

António José Ribeiro da Cunha

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

Leia

Propague

E assine

Tribuna Livre

Salvé-22-6-74

D. Maria Rosa da Silva Dias

Hoje, dia 22, passa o aniversário natalício da sra. D. Maria Rosa da Silva Dias, esposa extremosa do nosso assinante sr. Armando Joaquim Dias, farmacêutico desta Vila.

Não esquecendo o aniversário, seu marido, filhos e demais família, felicitam efu-



sivamente a aniversariante e pedem a Deus para ela todas as venturas e felicidades.

Tribuna Livre cumprimenta também a sra. D. Rosinha Pena e deseja-lhe um dia muito feliz no seio dos seus entes queridos.

Parabéns

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

No passado dia 17 o sr. Joaquim António Pereira, ausente no Brasil.

No dia 19 o sr. Manuel Augusto Machado da Costa, ausente na América no Norte com seus pais.

No dia 20 o sr. Tomé Silvério Gonçalves de Macedo. Hoje, dia 22, o sr. Ulisses Walter da Silva e a sra. D. Maria Aida de Sousa Pinheiro.

No dia 26 a sr. D. Madalena Gonçalves Rodrigues.

No dia 27 o nosso assinante ausente em França sr. Daniel Lourenço Martins e o sr. José de Abreu Dias, funcionário na Sonap, desta Vila. «Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

ANIVERSÁRIO

Paula Belmira da Silva Carvalho

No passado dia 18, completou o 1.º ano de existência a menina Paula Belmira da Silva Carvalho, filha extremosa do sr. Bernardino Carvalho, agente da G. N. R. desta Vila, e de sua esposa D. Maria Amélia da Silva Ribeiro.

Festejando o acontecimento, os pais da aniversariante fizeram festa e convidaram para o efeito os padrinhos da menina Paula Belmira srs. António José da Silva Ribeiro e D. Belmira do Céu Teixeira, pessoas bem nossas conhecidas.

Desejamos a todos e à aniversariante as maiores venturas e felicidades.

FALECIMENTO

ANTÓNIO GOMES

No passado domingo, dia 16 faleceu o sr. António Gomes, motorista, mais conhecido por António d' Amares, pois era ali que ele exercia a sua profissão como motorista de Táxi.

A sua morte causou natural surpresa, pois que nada o fazia prever, trabalhando horas antes no seu mister.

A Família em luto, Tribuna Livre apresenta os protestos do mais profundo pesar.

S. Vicente do Bico

António Antunes da Silva

No passado dia 13, dia dos Antónios, festejou o seu aniversário natalício o nosso particular amigo sr. António Antunes da Silva, natural desta ridente e progressiva freguesia.

Jovem apumado e dinâmico, ele é o símbolo do mocidade de S. Vicente do Bico a quem os seus amigos Bino e Alves cumprimentam efusivamente com o desejo sincero de que aquela data se comemore por muitos e felizes anos na companhia de seus familiares.

Tribuna Livre associa-se à vontade do Bino e do João Alves e endereça ao aniversariante cordiais saudações.

CARROS DE ALUGUER
PARA O PAÍS E ESTRANGEIRO

Adelino da Silva e Sousa

MOTORISTA DE PRAÇA

RUA DA DEVEISA N.º 7

PRAÇA
TELEF. 22424

BRAGA

RESIDÊNCIA
TELEF. 26220

De Rendufe

Aniversário

No dia 25 do corrente completa 23 risonhas primaveras a simpática menina Maria Adelaide Barros, uma das mais activas empregadas do industrial sr. António Bernardino de Macedo. As suas colegas vão prestar homenagem à aniversariante merecedora do seu carinho pela amizade que reina entre todos, sacrificados pelo trabalho diário para viver com honra e honestidade.

Parabéns da Tribuna e boa sorte à jovem Maria Adelaide.

Condições de Assinatura

Estrangeiro

Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00
Avião—ano	180\$00

e Províncias Ultramarinas	
semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00

Continente

Ano	50\$00
---------------	--------

Ilhas

Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	30\$00

A Autodeterminação

do Ultramar

Começemos por recordar aquela já distante e férrea ordem — Rápidamente e em Força —, que pôs em marcha, ao longo de 13 anos, um caudal de homens e armamentos sobre o Atlântico, até ao Ultramar Português, motivo posto à cabeça do Movimento Democrático que provocou uma mudança completa da política portuguesa em todos os sectores, mas, especialmente, no que diz respeito a este escaldante processo de autodeterminação dos povos de Angola, Moçambique e Guiné, em franco debate nacional.

Em 13 anos, muitíssimas coisas mudaram nesta época de velocidades supersónicas e planetárias

A histórica viragem da descolonização em massa, pelas grandes potências mundiais, sob pressão de forças por vezes mal definidas, e, sem dúvida, sob pressão mórbida que precipitou os acontecimentos, levou à criação de nações em que os povos não estavam preparados para governar; isto é: não tinham atingido a maturidade política que pudesse evitar as lutas tribais e manifestações raciais que conduziram à «congolização» de muitos paizes africanos, banhados em sangue. Não foi a democracia que operou, então, mas o choque de interesses materiais, com a proliferação de ditadores, para os quais a autodeterminação não tem sentido.

Em 13 anos, houve tempo de acalmar os ânimos, de reconsiderar situações mas não, ainda, de inteiro amadurecimento dos povos incultos, tribais e bastante mal formados do Continente Africano.

Neste momento, vale a pena perguntar se teria sido inútil, o ingente esforço posto pelo nosso País ao serviço do povo africano, não já, anteriormente à década de sessenta que não está em causa, mas durante estes aziagos 13 anos que todo o mundo democrático malsinou, embora ninguém se atrevesse a desmentir a coragem e o patriotismo da Raça, altas qualidades mais uma vez confirmadas na nossa vida multacentenária de Nação.

Em resposta ousamos dizer que, aquilo que em 1961 não puderam fazer as outras nações coloniais, temos possibilidades de efectuar nós, agora, depois de implantado o Regime Democrático no nosso País. Certamente que poderemos levar a efeito uma autodeterminação honesta e eficiente, mas, sem dúvida, que muito se deve à circunstância de podermos situar

este facto histórico da libertação dos nossos territórios africanos numa época mais propiciadora e em que a própria filosofia democrática consolidou os seus princípios, que andaram muito baralhados por esse mundo fora, ao ponto de todos os regimes políticos se considerarem democráticos, até aqueles que adoptaram o partido único, como ainda acontece na «Cortina de Ferro» e se verificou no regime deposto que chegou a intitular-se de «Democracia orgânica».

Acreditamos que é possível conceder o direito à autodeterminação, mesmo com independência completa, se tal extremo houver de ser preferido pelos naturais e radicados no Ultramar, sem que isto represente uma rutura de relações e interesses, que podem prevalecer com proveito mútuo. Quando de uma família saem outras famílias, devido à maturidade que os membros atingem e se decidem ao matrimónio, as relações de amizade e de entajuda não cessam; nem devem caducar tais laços nas novas nações que, igualmente, ficam a dever à Mãe-Pátria os denominadores comuns da cultura, da língua e, até, do sangue, como é o caso português de feição multirracial que, além disso, bebe fundo na fraternidade de indole cristã, factores que, bem aproveitados, podem proporcionar-lhes alto grau de estabilidade.

Seria uma grave lacuna histórica para a nossa Pátria que o Ultramar Português não se convertesse, ao menos, em nações multirraciais cristãs, como o Brasil, esse vigoroso rebento da Árvore Lusitana, que tão compreensivamente e de modo tão filial, promove e acarinha a Comunidade Luso-Brasileira com vista à criação de um Espaço Económico e Cultural da maior importância para o mundo moderno, beijado por todos os oceanos.

As novas nações saídas da Nação Portuguesa, não podem escolher outra via de grandeza, que não seja, adquirir expressão de lusitanidade, compartilhando, em comum, da secular história do mundo lusitana e da projecção que o espera em futuro próximo, o que será viável, mostrando-nos, todos, bons utentes da liberdade que nos foi facultada.

Jaime Macedo

É TEMPO...

É tempo de separar o trigo do joio" a grande frase de S. Exa. o Sr. Presidente da República que, como tantas outras que surgem dos homens responsáveis, tem o valor da estrela do Norte, a estrela que orienta os homens perdidos. É lamentável que seja tão escasso o número dos que a sabem distinguir no meio das outras.

Mas eu senti o valor desta frase e foi este "é tempo" que despertou em mim a necessidade de apontar certas coisas que já é tempo de serem notadas e realizadas.

É tempo de alguns meus colegas, os operários, compreenderem que se deve construir e depois exigir, porque lá diz, e muito bem, o velho ditado: Roma e Pavia não se fez num dia».

É tempo de os orfanatos serem para os orfãos, assim como a casa Pia e não para os filhos bastardos dos Srs. Fulanos de tal...

É tempo de os carros do Estado não servirem para levar criadas à praça e meninos à escola ou senhoras ao cabeleireiro.

É tempo de os lugares de responsabilidade serem dados a pessoas competentes e não por este ou aquele motivo, porque ofereceu ou vai oferecer; (não sei se me faço compreender).

É tempo de os estudantes compreenderem que não havendo número suficiente de professores desde há muito tempo, é um absurdo exigir substituições.

É tempo de os homens deixarem de aproveitar as oportunidades que a presente situação lhes dá, para se vingarem, perseguindo ou enxovalhando.

É tempo de analisar nas escolas ou pelos pais, a vocação das crianças para podermos atingir uma produção satisfatória e os homens não

se sintam deslocados.

É tempo de as medalhas serem dadas a quem as merece na realidade, tendo como exemplo o caso de muitos engenheiros coroados de louros, quantas vezes graças a invenções e obras de simples operários.

É tempo de encorajar os inventores por muito humildes que eles sejam.

É tempo de se olhar para as pequenas oficinas como sendo escolas do ABC industrial, onde se preparam homens que um dia darão o seu rendimento a grandes empresas, quando esse rendimento só às primeiras deveria pertencer, pois para esses homens atingirem tal ponto são precisos anos de ensinamento donde não se tira lucro algum, pelo contrário arranjam-se prejuízos porque se parte e se estraga com um único fim; ensinar. Ensinar pagando quando a norma é ensinar recebendo.

Quase a totalidade dessas oficinas foram formadas por operários que um dia sentiram a imperiosa necessidade de alargar os seus horizontes e logo de princípio encaram com uma barreira: perdem todos os direitos de que usufruíam até essa altura, tais como a assistência e abono de família etc. e ainda se vêm sobrecarregados de impostos como sendo já uma indústria válida.

É tempo de se deixar de avaliar os homens pelos fatos e pelo dinheiro.

Ah! E por falar em dinheiro! é tempo de vir o que eu tenho em Lourenço Marques. Ainda não veio porque é pouco e não chega para gratificações.

É tempo de dar tempo ao tempo e é tempo de eu me calar.

FERNANDO ALVES

Telefones para serviços DE URGÊNCIA



Casa de Saúde de Amares	62122
Farmácia Pinheiro Manso	62127
Guarda Nacional Republicana	62115
Farmácia Marques Rêgo	62124
Doutor João de Sousa Fernandes (Médico B. S.ta Maria	66133
Doutor José Fernandes Médico Amares	82122
Doutor Eduardo Gonçalves (Médico)	62124

Telefone dos Bombeiros Voluntários de Amares 62162

5.ª COLUNA

Continuado da 1.ª página

Diz o Senhor Tenente: "QUE TRAPALHADA...". É verdade. Mas que grande trapalhada, Senhor Tenente! Tal trapalhada que leio isto, entre aspas, que o Senhor Tenente me atribui: "Católico não é Cristão". Por mais que buscasse não encontrei isto na minha 5.ª Coluna. Encontrei, sim, este bocadinho, a propósito das ultimas palavras do nosso Presidente António José de Almeida: "Bem! Serei assim. Cristão e não católico".

Ora, se é este bocadinho que o Senhor Tenente, deturpando a frase, vem dizer que eu dissera "Católico não é Cristão" quem fez a *Trapalhada* foi o Senhor Tenente. Uma coisa não condiz com a outra. Mas invalida-a. E era isso que o Senhor Tenente pretendia...

Quanto a S. Pedro, evidentemente que S. Pedro foi Cristão-Católico, não foi Cristão-Protestante...

E um protestante, por o ser, não deixa de ser cristão, entendo eu...

Todavia, o que o Senhor Tenente aponta sobre o bispo do Porto "e outros bispos" e que eu transcrevo integralmente, para não haver nova Trapalhada, ("... os bispos católicos, ou outros, tanto do Porto, como os doutras cidades, não sendo cristãos, como de facto o não são, por serem democráticos...") não está dentro dos meus princípios. E não está porque o facto dum padre ser democrático não me parece que invalide a sua cristã-catolicidade.

E fico-me por aqui porque o restante da prosa não me diz respeito. O resto foi lido no mesmo Jornal e não foi eu que o escrevi.

EME ABRIL

Cessou funções o sr. Presidente da Câmara

Segundo o disposto em recente diploma legal com efeitos gerais, cessou funções, na passada terça-feira, o presidente da Câmara Municipal de Amares, sr. dr. Paulo Macedo.

Certamente que o assunto nos merecerá largas referências. Não agora, pois é preciso deixar passar alguns dias de clarificação.